

## **Apresentação**

Com o presente número da Revista CPC, inaugura-se seu terceiro volume – demonstrando, assim, a sua consolidação, que constitui motivo de satisfação para a equipe do Centro de Preservação Cultural da USP.

O número conta com contribuições diversificadas. O professor doutor Gérard Monnier, professor emérito da Université de Paris I - Panthéon-Sorbonne, nos apresenta uma reflexão crítica e propositiva sobre a necessidade, e a responsabilidade, de se fazer a história da arquitetura recente, reflexão esta apoiada no seu próprio trabalho de historiador da arte e da arquitetura contemporâneas, que comenta no ensaio aqui publicado. Trata-se de ensaio instigante, e muito útil para os pesquisadores da área, tanto os que apenas começam sua carreira, como aqueles com experiência já consolidada. Destaca-se o grande interesse e conhecimento do professor Monnier sobre a arquitetura moderna brasileira, de que revela-se grande admirador.

O texto de Beatriz Mugayar Kühl, sobre a restauração na França no século XIX, traz um amplo e ao mesmo tempo minucioso panorama do gradativo amadurecimento dos princípios teóricos da restauração naquele país, evidenciando as inúmeras polêmicas e oposições. Constitui, assim, outro texto indispensável para os pesquisadores da área, ao mostrar-nos uma situação bastante complexa e diversificada, que vai muito além do restauro estilístico de Viollet-le-Duc, com o qual o tema costuma ser genericamente identificado.

Ana Carolina de Souza Bierrenbach aborda a obra da festejada figura de Lina Bo Bardi, cuja contribuição para a preservação do patrimônio cultural brasileiro costuma ficar em segundo plano, em relação à sua extraordinária obra arquitetônica. Aponta que, em Lina, não se verifica a cisão entre o moderno e a história, preconizada pelo Movimento Moderno; o presente está em pé de igualdade, se afirma diante do passado. Para ela, o termo “monumento” parece estar relacionado a um sentido cívico coletivo – muito mais próximo, portanto, de seu significado original -; entendimento que está na base da suas proposições de restauração.

São abordadas, também, experiências práticas no trato do patrimônio, seja ele musealizado – caso dos artigos de Marília Xavier Cury e Thaís Velloso Cougo Pimentel -, ou urbano – caso do artigo de Paula Braga sobre a Catedral Metropolitana de Campinas. Ao discutir a recepção das ações museais – assunto particularmente relevante em atividades de cultura e extensão, caso dos museus universitários -, Marília Cury enfatiza que a participação do público fruidor no processo de (re) significação cultural constitui um dos aspectos do pleno exercício da cidadania. Thaís Pimentel discorre sobre as peripécias relativas à constituição do Museu Histórico Abílio Barreto, em Belo Horizonte, desde sua fundação, pelo então prefeito Juscelino Kubitschek, em 1941, até seu processo de revitalização, iniciado em 1993, passando por longo período de estagnação. Tomando o Museu Histórico Abílio Barreto como um caso exemplar quanto aos problemas da concepção de políticas de acervo no Brasil - que muitas vezes limitam os museus a agentes culturais passivos, meros coletadores de objetos -, as iniciativas tomadas para sua recuperação podem igualmente inspirar soluções adequadas a outras instituições de caráter museológico. Paula Braga também apresenta uma experiência de revitalização do patrimônio – desta vez, urbano – a partir das iniciativas da Prefeitura de Campinas no centro histórico da cidade. Um dos desafios enfrentados consistiu na realização do restauro da Catedral Metropolitana, minimizando a interferência na sua utilização, mantida ao longo do processo.

Finalmente, Regina A. Tirello apresenta a noção de “indicador temporal”, desenvolvida na chave disciplinar da arqueologia da arquitetura, a partir das pesquisas realizadas para a restauração da Casa de Dona Yayá, imóvel-sede do CPC-USP. Cabe destacar a ênfase na necessidade da construção de estudos interdisciplinares entre as diversas áreas do conhecimento, sem mitificar aquelas ditas “exatas” em detrimento das “inexatas”, isto é, as ciências humanas, onde se tradicionalmente se inscrevem as atividades preservacionistas.

A todos os colaboradores, nosso agradecimento.

Maria Lucia Bressan Pinheiro